

Falta de recurso imobiliza HRC

M. Cavalheiro

Às 8h00 de sexta-feira, dez senhoras dividiam seis macas do corredor do Centro Obstétrico do Hospital Regional de Ceilândia (HRC) — e assim amontoadas tiveram sua primeira refeição após o parto. Não havia um único leito disponível na Maternidade. Mas a poucos metros dali, espelhando a insensatez que tem caracterizado a gestão dos recursos de saúde pública no Distrito Federal, uma ala inteira, com capacidade para 50 leitos, mantém-se vazia desde que foi solenemente inaugurada, dia 18 de dezembro de 1989.

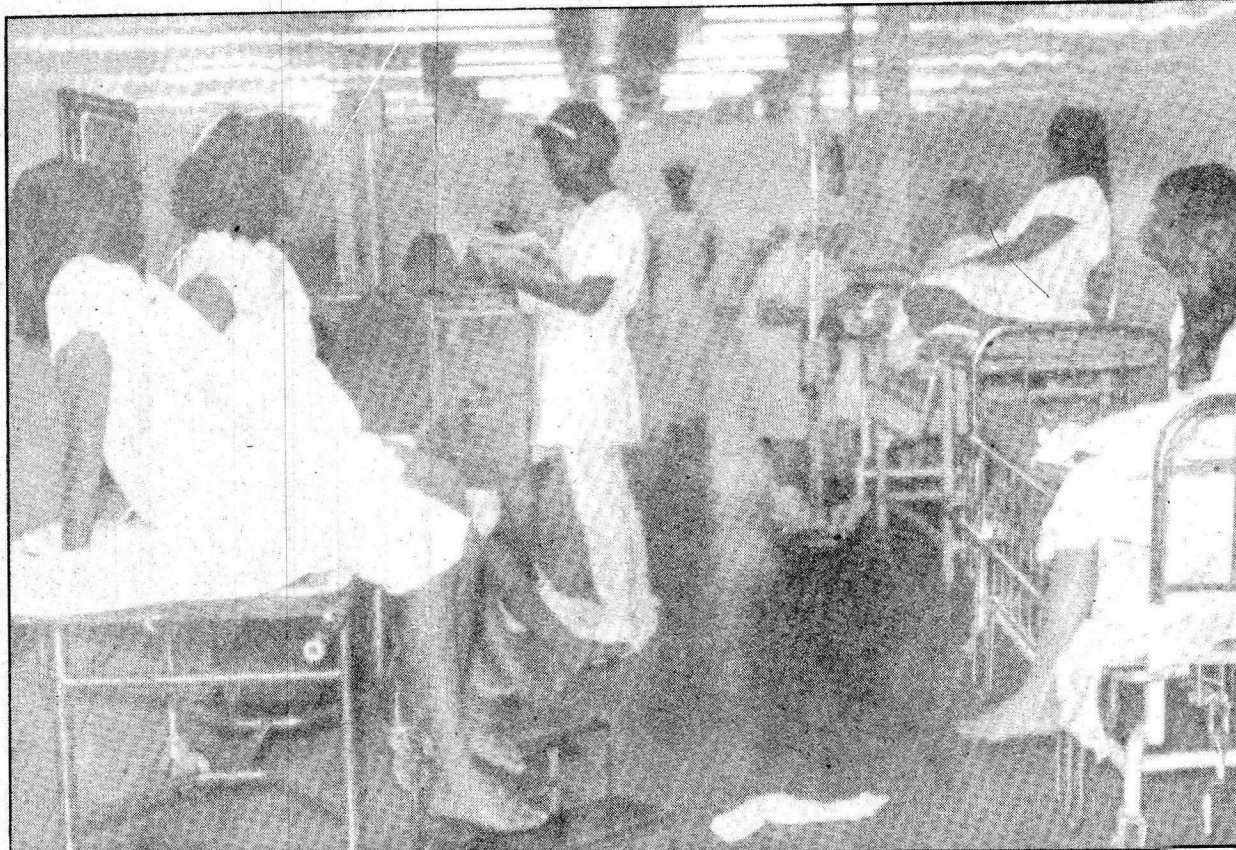
No mesmo estilo de gestão, foi adquirido, há dois anos, um par de grandes secadores de roupas, que desde então, repousam em um pátio, enquanto a enorme caixa de madeira que as contém vai apodrecendo e serve de ninho para os gatos das redondezas. Como o restante dos hospitais, o HRC vê ampliado o risco de infecções por não dispor de uma saída exclusiva para roupa contaminada do Centro Cirúrgico — e médicos são obrigados a despachar gestantes com risco de aborto, sem dispor do medicamento mais eficiente para a retenção do feto: uma droga injetável chamada Aerolin.

Embora se entusiasme com a promessa do novo secretário de Saúde, Jofran Frejat, de equipar a ala vazia e contratar pessoal para que ela possa ser utilizada já a partir de março — o diretor do HRC, Antônio Coelho, reconhece que teria sido mais produtivo, na época, investir os recursos em algo que funcionasse de imediato. E não deixa de ter preocupações com a perspectiva de contar com mais 50 vagas para pacientes: a única caldeira que está funcionando não daria conta do recado. E a lavanderia — onde trabalhadores sem a proteção necessária manipulam roupas infectas — também já anda com a capacidade esgotada.

Violência

“Estou esperando aqui há quatro horas, e eles ficam lá dentro, tomando cafezinho, vendo televisão e batendo papo. Minha mãe está com 40 graus de febre. Se fosse uma emergência, já teria morrido”, protestava, às 21h30 de quinta-feira, o técnico em eletrônica Fábio Carlos Alves da Silva, de 29 anos de idade.

Em dias mais agros, a espera pode chegar a até oito horas, en-



Por falta de leitos, sexta-feira dez gestantes dividiam seis macas no Centro Obstétrico

grossando o número de desistências. Só na quinta-feira, 26 doentes desistiram de esperar. O nervosismo provocado pela falta de atendimento é responsável pelas portas de ferro do Pronto-Socorro. “Há pouco tempo, um doente quebrou todos os vidros da sala-de-espera”, conta o diretor Antônio Coelho. “O problema maior é na pediatria. Lá, mães agridem as médicas com alguma frequência”, reforça o clínico-geral Roberto Castillo, médico nicaraguense de 60 anos de idade, há 11 no Brasil.

Alguns médicos discordam da tese do secretário de Saúde, de que o equipamento e a ampliação da rede de Centros de Saúde na periferia aliviará expressivamente a carga dos hospitais. “A maioria dos pacientes precisa do hospital mesmo”, afirmaram dois profissionais, pedindo para não serem identificados. Ainda assim, eles defendem a ativação dos centros, quatro dos quais, só na Ceilândia, passarão o mês de janeiro sem contar com um clínico-geral que seja. Apenas no HRC, faltam 88 médicos no quadro previsto — ou 1/4 dos 354 a que o hospital teria direito.

Dida Sampaio